

“Que Deus nos perdoe”, uma fórmula sagrada, uma oração, a esperança de vir a sair vivo de tudo isto. Nunca te terá acontecido pensar: estou a fazer de propósito, estou a arruinar tudo sem saber porquê?

A minha receita para o desastre?

O sinal de alarme: o ano passado, no Dia da Ação de Graças em casa deles. Havia vinte ou trinta pessoas à volta das mesas repartidas entre a sala de jantar e a sala e que se detinham abruptamente diante do banco do piano. Ele estava à cabeceira da mesa grande, a tirar pedaços de carne de peru de entre os dentes, a falar da sua pessoa. Eu continuava a olhá-lo enquanto andava para trás e para diante a levar pratos para a cozinha — com a ponta dos dedos mergulhada numa amálgama viscosa sem nome — molho de mirtilos, batata doce, cebola fria, cartilagens. A cada viagem de ida e volta entre a sala de jantar e a cozinha, parecia-me odiá-lo mais. Todas as maldições da nossa infância, a começar pela do seu nascimento, voltavam a ferir-me. Ele viera ao mundo onze meses depois de mim, e a princípio era enfermiço, sofrera de falta de oxigénio pelo caminho, e prestavam-lhe demasiada atenção. E depois, apesar das minhas tentativas reiteradas de lhe explicar como ele era horrível, começou a comportar-se como se acreditasse ser uma dádiva dos deuses. Deram-lhe o nome de George. Ele gostava que lhe chamassem Geo, como se fosse uma coisa fria, uma coisa científica, matemática, analítica. Eu chamava-lhe Geode — como a uma rocha sedimentar. A sua confiança em si sobrenatural, a cabeça sempre levantada e divinamente arrogante estriada por fios de cabelo louro, atraía a atenção, dava-lhe o ar de quem sabia. As pessoas solicitavam-lhe a sua opinião, a sua participação, embora eu nunca visse que condão poderia ele ter. Chegados aos dez e aos onze anos, tornara-se mais alto, mais largo e mais forte do

que eu. “Tens a certeza que não é filho do homem do talho?”, perguntava o meu pai gracejando. E ninguém ria.

Eu estava a levar para a cozinha pratos pesados e travessas, caçarolas com os restos do jantar pegados, e ninguém via que precisava de ajuda — nem George, nem os seus dois filhos, nem os seus ridículos amigos, que eram na realidade seus empregados, entre os quais se contavam a rapariga das informações meteorológicas e alguns apresentadores ou apresentadoras de programas de televisão que ali estavam, sentados e hirtos com os seus cabelos de Ken e Barbie lacados, nem ao menos Claire, a minha mulher sino-americana, que detestava peru e nunca se esquecia de me recordar que em sua casa a festa se fazia com pato assado e arroz cozido no vapor. A mulher de George, Jane, não parara o dia todo: cozinhar, limpar a casa, servir, e estava agora a deitar os ossos e os restos num balde do lixo gigantesco.

Jane tirava os restos de comida dos pratos que ia empilhando, sujos, uns por cima dos outros, mergulhando os talheres engordurados no lava-louças cheio de água a ferver e espuma. Ao ver-me, compôs o cabelo com as costas da mão e sorriu. Eu voltei a sair para ir buscar mais pratos.

Olhei para os filhos deles e imaginei-os vestidos de Peregrinos, com os seus sapatos pretos de fivela, ocupando-se das ingratas tarefas dos filhos dos Peregrinos, carregando baldes de leite como bois de carga humanos. Nathaniel, com doze anos, e Ashley, com onze, estavam pesadamente sentados à mesa, corcovados, ou antes enrolados, como se os tivessem despejado nas suas cadeiras, verdadeiramente invertebrados, com os olhos fixos nos seus pequenos ecrãs, absolutamente imóveis com exceção dos polegares — um deles a trocar mensagens com amigos, o outro a matar terroristas virtuais. Eram crianças ausentes, com a personalidade ausente, uma presença ausente, e também materialmente ausentes ambos de casa, exceto durante as férias. Tinham-nos enviado para o colégio numa idade que outros considerariam prematura, mas Jane confessara uma vez que fora de certo modo necessário fazê-lo: aludira a vagos problemas de aprendizagem e dificuldades de desenvolvimento, insinuando subtilmente que as imprevisíveis mudanças de humor de George faziam com que a situação que se vivia em sua casa não fosse propriamente ideal.

Ao fundo, duas televisões disputavam ruidosamente a atenção que ninguém lhes prestava, com uma delas passando um programa de futebol, e a outra um filme, *O Gigante Africano*.

— Sou empresário, até à medula — diz George. — O Grande Presidente da Diversão. Vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana.

Há uma televisão em todas as divisões da casa; a verdade é que George não suporta estar só, nem sequer na casa de banho.

Ao que parece também não suporta existir sem confirmação constante do seu êxito. A sua mais de uma dúzia de Emmys extravasaram do seu escritório, e invadiram as outras partes da casa, de permeio com toda uma série de distinções e brilhantes objetos comemorativos, celebrando todos eles a extraordinária capacidade de George de apreender a cultura popular e de nos restituir a imagem daquilo que somos, sempre com uma ligeira nota sarcástica, no formato universalmente reconhecido da meia hora da *sitcom* ou do telejornal.

A travessa com o peru estava no centro da mesa. Alcancei-a por cima das costas da minha mulher e levantei-a — a travessa era muito pesada e oscilava perigosamente. Impus-me ser forte e logrei levar a bom termo a missão, ao mesmo tempo que mantinha em equilíbrio no côncavo do outro braço dobrado uma caçarola de couves-de-bruxelas com *bacon*.

O peru, uma nossa “ave nacional”, seja o que for que isso quer dizer, fora friccionado, relaxado, abarrotado de ervas e persuadido a submeter-se à ideia de que não era assim tão mau ser decapitado e recheado de miolo de pão e mirtilos pelo cu acima em vista da celebração de um rito anual. O animal fora criado com um propósito: a data precisa que corresponderia ao seu número.

Fiquei ali na cozinha a desossar a carcaça enquanto Jane, com as luvas de borracha azul, lavava os pratos com os braços cobertos de espuma até aos cotovelos. Os meus dedos mergulhavam em profundidade no interior da ave, no seu corpo vazio ainda quente, com as melhores porções de recheio ainda dentro. Escavei com os dedos e levei um pouco de recheio aos lábios. Ela olhou para mim, viu-me com a boca húmida e besuntada, os dedos enterrados no que teria sido o ponto G da ave, admitindo que ela o tivesse, tirou as mãos da água, avançou direita a mim e espetou-me um beijo na boca. Não um beijo simplesmente amigável. Mas sério, molhado e cheio de desejo. Aterrorizador e inesperado. Depois, despiu as luvas e saiu da cozinha. Eu estava agarrado à banca, apertando-a com os dedos besuntados. Duro.

Foi servida a sobremesa. Jane perguntou quem queria café e regressou à cozinha. Segui-a como um cão, com vontade de mais.

Ela ignorou-me.

— Ignoras-me? — perguntei eu.

Sem me responder, ela estendeu-me o café. — Não podias deixar-me ter um pouco de prazer, um pouco de prazer para mim? — Fez uma pausa. — Natas e açúcar?

*

Do Dia de Ação de Graças até ao Natal e ao Ano Novo, não conseguia pensar noutra coisa que não fosse em George a foder Jane. George em cima dela, ou em certas ocasiões especiais, George por baixo dela, e uma vez, uma só vez fantástica, George a tomá-la por trás — enquanto continuava com os olhos fixos nas imagens da televisão projetadas na parede — com a faixa das legendas das notícias a correr na parte de baixo do ecrã. Não conseguia deixar de pensar naquilo. Estava convencido que, apesar dos seus dons, do seu extremo êxito profissional, George não era grande coisa na cama e que tudo o que sabia em matéria de sexo era o que aprendera nas páginas de uma revista furtivamente lida enquanto cagava. Pensava constantemente no meu irmão a foder com a mulher. Entesava-me sempre que via Jane. Usava calças largas e um duplo par de cuecas justas para impedir que o meu entusiasmo me traísse. Mas tudo isso acabava por produzir um certo volume e eu receava que me fizesse parecer mais gordo.

São quase oito da noite nos finais de fevereiro quando Jane me telefona. Como sempre, Claire está ainda no escritório. Se fosse outro poderia pensar que a mulher tinha um amante; eu limito-me a pensar que Claire é muito aplicada.

— Tens de me ajudar — diz Jane.

— Tem calma — respondo eu, antes ainda de saber o que a preocupa. Imagino-a ao telefone na cozinha, com a longa trepadeira do fio do telefone que se enrola a subir-lhe pelo corpo.

— Ele está na esquadra da polícia.

Relanceio a linha do horizonte de Nova Iorque; o nosso prédio é feio, construído em tijolo alvacento no pós-guerra, mas moramos num andar alto, as janelas são grandes, e temos um pequeno terraço onde costumamos sentar-nos e comer as nossas torradas matinais. — Meteu-se em sarilhos?

— Ao que parece — diz ela. — Querem que eu vá lá ter com ele. Podes ir lá tu? Podes ir buscar o teu irmão?

— Tem calma — digo eu.

Poucos minutos depois, estou a sair de Manhattan a caminho de Westchester, essa pequena localidade onde George e Jane se instalaram. Ligo do automóvel para Claire, e é o seu *voice mail* que me atende. «Há um problema qualquer com o George e tenho de o ir buscar e de o levar

a casa para junto da Jane. Já jantei; deixei-te no frigorífico alguma coisa para comeres. Volto a falar depois.»

Uma rixa. A caminho da esquadra, penso que deve ter sido isso. George é assim: possuído por uma espécie de reatividade atômica que se mantém abaixo da linha de superfície até que qualquer coisa o faz detonar, e então ele irrompe, vira uma mesa de pernas para o ar, rebenta com uma parede a murro, ou... Mais do que uma vez fui eu o alvo das suas frustrações, um taco de baseball atingiu-me nas costas, acertando-me à altura dos rins e fazendo-me cair de joelhos, um empurrão pelos ombros, para me impedir de comer o último *brownie*, atirou-me através da porta envidraçada para fora da cozinha da minha avó. Por isso imagino que terá parado para beber um copo depois do trabalho, acabando por agredir alguém.

Trinta e três minutos mais tarde, estaciono diante da pequena esquadra de polícia do subúrbio, uma caixa de bolo branca da década de 1970. Há um calendário com uma rapariga protuberante talvez pouco apropriado numa esquadra de polícia, uma taça cheia de caramelos duros, duas mesas metálicas que produzem o som de um desastre de automóvel quando alguém tropeça acidentalmente nelas, como eu faço, derrubando uma garrafa vazia de *Dr. Pepper* de dieta. — Telefonaram para a mulher de um homem que aqui têm, eu sou irmão dele — anúncio. — Estou aqui por causa do George Silver.

— É irmão dele?

— Sim.

— Já telefonámos para a mulher. Ela vem cá buscá-lo.

— Foi ela que me telefonou, e vim eu cá buscá-lo.

— Queríamos levá-lo para o hospital, mas ele recusou-se a ir. Continuou a repetir que é um homem perigoso, e que devíamos levá-lo para a cidade, metê-lo dentro e arrumar o caso de vez. Pessoalmente, penso que ele está a precisar de um médico. Não se sai ileso de uma coisa assim.

— Foi uma rixa?

— Um acidente de automóvel, um acidente mau. Aparentemente não tomou nada, fizeram-no soprar o balão e ele aceitou que lhe analisassem a urina, mas realmente devia ser visto por um médico.

— A culpa foi dele?